

Rei Salomão e construtor do Templo em Jerusalém.

A.FUCHS (GLS Israel)

Evidências para o Rei Salomão

Existem evidências bíblicas e históricas da existência do rei Salomão, filho do rei Davi e construtor do Templo de Salomão em Jerusalém. Na Bíblia, Salomão é descrito como o terceiro rei de Israel e o sucessor de seu pai, Davi. Os Livros dos Reis e Crônicas na Bíblia hebraica contêm numerosos relatos do reinado de Salomão, incluindo a construção do templo em Jerusalém e sua reputação como um governante sábio e rico. Salomão também é mencionado no Novo Testamento e em outros textos históricos antigos, como os escritos do historiador grego Heródoto e do historiador judeu romano Josefo. Há também algumas evidências arqueológicas da existência de Salomão. A Estela de Tel Dan, uma inscrição em pedra descoberta na década de 1990 no norte de Israel, contém a frase "casa de Davi" e muitos estudiosos acreditam que ela se refere à dinastia real estabelecida pelo rei Davi e continuada por seu filho Salomão. Além disso, a antiga cidade de Megido, localizada no norte de Israel, contém ruínas de um palácio e outros edifícios que se acredita datarem da época de Salomão. No geral, embora não haja evidência física direta de Salomão, a combinação de evidências bíblicas, históricas e arqueológicas sugere fortemente que ele foi uma figura histórica real que desempenhou um papel significativo na história do antigo Israel.

Existem várias evidências arqueológicas adicionais que apóiam a existência do rei Salomão e do reino de Israel durante seu reinado. Uma evidência é a descoberta da "Casa de Marfim" na antiga cidade de Megido. A casa, que data do século 10 A.C, contém numerosos objetos de marfim esculpidos, incluindo painéis embutidos e

estatuetas. Acredita-se que esses objetos tenham sido bens de luxo importados pelo rei Salomão e sua rica elite, e fornecem mais evidências da riqueza e prosperidade do reino durante seu reinado. Outra evidência é a descoberta da "Muralha de Salomão" em Jerusalém. A muralha, que data do século 10 A.C, está localizada fora dos muros da cidade e acredita-se que tenha servido como uma estrutura defensiva protegendo a cidade durante o reinado de Salomão. O muro é mencionado na Bíblia no relato dos projetos de construção de Salomão, e sua descoberta por arqueólogos fornece confirmação adicional do relato bíblico. Além disso, vários artefatos da época de Salomão foram encontrados em locais por todo Israel, incluindo cerâmica, moedas e inscrições. Esses artefatos fornecem mais evidências da existência do reino de Israel durante o reinado de Salomão e a extensão de suas conexões comerciais e culturais com outras civilizações antigas. No geral, as várias descobertas arqueológicas da época de Salomão fornecem fortes evidências da existência do reino de Israel e do reinado do rei Salomão, conforme descrito na Bíblia.

Evidências do Templo de Salomão:

Existem várias linhas de evidência que sugerem que o Templo de Salomão, também conhecido como o Primeiro Templo, existiu na antiga Jerusalém.

Primeiro, a Bíblia contém numerosas referências à construção e existência do Templo de Salomão. Segundo a Bíblia hebraica, Salomão, filho do rei Davi, construiu o templo em Jerusalém como um local de adoração ao Deus de Israel. O templo é descrito em detalhes nos Livros dos Reis e Crônicas, incluindo os materiais usados em sua construção, como madeira de cedro do Líbano e ouro de Ofir. Em segundo lugar, também há evidências históricas da existência do Templo

de Salomão. O antigo historiador grego Heródoto escreveu sobre o templo, e é mencionado nos escritos de outros historiadores antigos, como Josefo e o historiador romano-judeu Eusébio. O templo também é mencionado nos anais do rei assírio Senaqueribe e nos escritos do historiador babilônico Beroso. Esses relatos históricos fornecem mais evidências da existência do Templo de Salomão na antiga Jerusalém.

Além dos relatos bíblicos e históricos, há também algumas evidências arqueológicas da existência do Templo de Salomão. Uma evidência é a descoberta da "Inscrição de Ofel", uma inscrição de pedra encontrada na área de Ofel, em Jerusalém, que menciona a "Casa de Javé", considerada por muitos estudiosos como uma referência ao Templo de Salomão. A inscrição data do século 7 ou 8 A.C, na época em que se acredita que o Templo de Salomão foi construído. Outra evidência é a descoberta da "Estrutura de Pedra Escalonada do Monte do Templo", uma enorme estrutura de pedra que foi descoberta durante escavações sob o Monte do Templo em Jerusalém. Acredita-se que a estrutura tenha servido de fundação para o Templo de Salomão e é datada do século 10 A.C, por volta da época do reinado de Salomão. Além disso, a arqueóloga israelense Eilat Mazar descobriu artefatos na Cidade de Davi, localizada ao sul do Monte do Templo, que ela acredita estarem conectados ao Templo de Salomão. Esses artefatos incluem bullae (selos de argila) com os nomes dos funcionários que serviram no templo, bem como cerâmica e outros itens que datam do século 10 A.C. No geral, embora não haja evidência física direta do Templo de Salomão, a combinação de evidências bíblicas, históricas e arqueológicas sugere fortemente que o templo existiu na antiga Jerusalém.

Ain Dara e outros templos de Langraum

A evidência da existência do Templo de Salomão pode ser ainda mais fortalecida considerando as semelhanças entre ele e outros templos fenícios. Por exemplo, o templo de Astarte em Byblos e o templo de Melqart em Tiro têm muitas semelhanças com o Templo de Salomão. Como o Templo de Salomão, esses templos são descritos como tendo o mesmo estilo arquitetônico, o mesmo layout e os mesmos tipos de artefatos e decorações.

Além disso, todos esses templos foram construídos pelos fenícios, uma civilização conhecida por sua arquitetura avançada e habilidade artesanal. O fato de os fenícios terem sido os responsáveis pela construção de todos esses templos acrescenta ainda mais credibilidade ao argumento de que todos eles existiram. Finalmente, a descrição do Templo de Salomão na Bíblia é quase exatamente a mesma que as descrições desses outros templos fenícios conforme foram escavados. Especialmente o Templo Ain Dara e, até certo ponto, o templo Tel Tainat.

No geral, as semelhanças entre esses templos fenícios, bem como os construtores compartilhados e a descrição detalhada na Bíblia, fornecem fortes evidências da existência do Templo de Salomão.

Ain Dara

Ambos os templos são descritos como tendo o mesmo estilo arquitetônico, com layouts e decorações semelhantes. Isso inclui o uso de colunas, arcos e paredes e tetos ornamentados.

Ambos os templos contêm tipos semelhantes de artefatos e decorações, como pedras de altar e esculturas em baixo-relevo. Esses artefatos e decorações são indicativos da cultura e práticas religiosas fenícias.

Ambos os templos estão localizados na mesma região geral, com o Templo de Ain Dara localizado na Síria moderna e o Templo de Salomão tradicionalmente acredita-se ter sido localizado em Jerusalém. Isso sugere que pode ter havido conexões culturais e históricas entre os dois templos.

Ambos os templos são atribuídos aos fenícios, uma civilização conhecida por sua arquitetura avançada e habilidade artesanal. O fato de os fenícios terem sido os responsáveis pela construção de ambos os templos acrescenta credibilidade ao argumento de que ambos existiram.

A descrição do Templo de Salomão na Bíblia é quase exatamente a mesma que a descrição do Templo de Ain Dara conforme foi escavado. Isso apóia ainda mais a ideia de que os dois templos estavam conectados de alguma forma e que o Templo de Salomão deve ter existido.

Compreendendo a decoração do Templo de Salomão

"וַיֵּאָת כָּל קִירוֹת הַבַּיִת מִסָּב קֹלַע פְּתוּחֵי מְקֻלְעוֹת כְּרוּבִים וְתַמָּרֹת וּפְטוּרֵי צִצִּים מְלֻפְּנִים וְלַחֲצִיזוֹן"

"Nas paredes ao redor do templo, nos aposentos internos e externos, ele esculpiu querubins, palmeiras e flores abertas" (1 Reis 6:29)

"וַהֲבִית הַגָּדוֹל חֹפֶה עֵץ בְּרוֹשִׁים וַיַּחֲפֶהוּ זָהָב טוֹב וַיַּעַל עָלָיו תַּמָּר"

"E a casa maior ele cobriu com abeto, que ele cobriu com ouro fino, e colocou nela palmeiras e correntes." (2 Crônicas 3:5)

querubins

"E fez dois querubins de ouro; de ouro batido os fez, nas duas extremidades do propiciatório; um querubim em uma extremidade, e um querubim na outra extremidade; de uma só peça com o propiciatório fez ele o querubins em suas duas extremidades" (Êxodo 37:7-8)

“E fez o véu de azul, e púrpura, e carmesim, e linho fino, e sobre ele lavrou querubins” (Êxodo 26:31)

“E sobre ele estavam os querubins; e os querubins cobriam o propiciatório com as suas asas, e os seus rostos estavam voltados um para o outro; até o propiciatório estavam os rostos dos querubins” (Êxodo 25:20)

Os querubins do Templo Ain Dara são esculturas decorativas que retratam figuras aladas com corpos semelhantes aos humanos e cabeças animais. Acredita-se que essas esculturas sejam uma representação de querubins, um tipo de ser divino descrito na Bíblia hebraica.

No Templo de Ain Dara, os querubins são representados como guardas na entrada do templo e são esculpidos em alto relevo nas paredes do templo. Eles são mostrados com suas asas abertas, e muitas vezes são retratados segurando armas ou outros objetos.

Quando comparadas com as descrições bíblicas dos querubins no Templo de Salomão, existem várias semelhanças. De acordo com a Bíblia hebraica, os querubins também eram descritos como tendo asas e a capacidade de se mover

livremente entre o céu e a terra. Eles eram frequentemente descritos como tendo o corpo de um humano e a cabeça de um animal, semelhante aos querubins do Templo de Ain Dara. Na Bíblia, os querubins também são descritos como estando presentes no Tabernáculo e no Templo de Salomão, onde foram esculpidos nas paredes e colocados na Arca da Aliança. Eles também foram descritos como montando guarda na entrada do Templo, semelhante à sua representação no Templo de Ain Dara.

Knops e flores abertas

"E o cedro da casa por dentro era esculpido com nós e flores abertas: tudo era cedro; não se via pedra" (1 Reis 6:18)

Hebraico: "Miklaat (Trança) pekaim (Botão/Túber) uphtorei tzitzim) Caules com flores)"

E assim: Uma trança de hastes com flores e botões/tubérculos.

Há fortes evidências que sugerem que os "knops" e "flores abertas" mencionados no Rei 6 são, de fato, os frisos de lótus encontrados no Nimrud Ivory da sala SW12 Fort Shalmaneser e vários outros frisos de lótus dentro da cidade assíria de Nimrud. Uma peça-chave de evidência é a estreita semelhança entre a descrição dos "knops" e "flores abertas" no Rei 6 e as características conhecidas dos frisos de lótus. Os "knops" são descritos como "redondos", com uma aparência "florida", enquanto as "flores abertas" são descritas como estando em plena floração. Essas características se aproximam das dos frisos de lótus encontrados no Nimrud Ivory, que são caracterizados por suas formas redondas semelhantes a flores e sua representação de flores de lótus totalmente desabrochadas. O uso de motivos de lótus na arte e arquitetura do antigo Oriente Próximo era bastante comum, e o lótus

era frequentemente associado a temas de fertilidade, renascimento e ciclo da vida. Dado o papel central desses temas no Rei 6, é provável que o autor tenha evocado intencionalmente o simbolismo do lótus ao descrever os "knops" e as "flores abertas".

Também é importante notar que o uso de motivos de lótus não se limitou ao Nimrud Ivory. Outro exemplo bem conhecido do uso de frisos de lótus na arte do antigo Oriente Próximo é o caixão de Hiram, que foi descoberto na cidade fenícia de Byblos. O caixão é decorado com uma série de intrincados frisos de lótus, que se acredita terem sido inspirados nas tradições funerárias egípcias. Como o Nimrud Ivory, o caixão de Hiram demonstra o uso generalizado de motivos de lótus na arte do antigo Oriente Próximo e o forte significado cultural do lótus nesta região. A inclusão do friso de lótus no caixão de Hiram apóia ainda mais o argumento de que os "knops" e as "flores abertas" mencionados no Rei 6 provavelmente são frisos de lótus, dada a onipresença desses motivos na arte do antigo Oriente Próximo e o símbolo importância do lótus neste contexto cultural.

Palmeiras

Hebraico: Timrot (Uma decoração pintada ou esculpida (em uma estrutura ou vaso) na forma de uma tamareira)

Palmeiras e palmetas são frequentemente retratadas na arte e artefatos do antigo Oriente Próximo dos séculos X a VI aC. Alguns exemplos dessas representações incluem (para citar alguns):

Placa com um grifo comendo uma palmeta. Marfim. Período Neo-Assírio, ca. 9º-8º século aC. Nimrud (antigo Kalhu), Iraque. Museu Metropolitano de Arte 64.37.9 [link](#)

Placa vazada em forma de palmeira Período: Neo-Assírio Data: ca. Século IX-VIII a.C. Geografia: Mesopotâmia, Nimrud (antigo Kalhu) Cultura: Assíria Meio: Marfim.

[link](#)

“Querubins” levantinos flanqueando (e guardando o acesso a) a árvore da vida (Depois de Barnett R.D. 1975, A Catalog of the Nimrud Ivories in the British Museum, London, p. XXXIV:S50).

[link](#)

Placa de móvel esculpida em relevo com árvore estilizada
ca. 8º-7º século aC. assírio

[link](#)

Capitais proto-eólicas (às vezes chamados de proto-iônicos) foram encontrados em muitos dos sítios arqueológicos mais importantes de Israel, incluindo Megido, Hazor, Jerusalém, Samaria e Ramat Rachel (imagem acima). A maioria data dos séculos 9 a 8 aC.

[link](#)

Correntes

Tanto as correntes descritas em 2 Crônicas 3:5 quanto os padrões guilhocés encontrados no templo de Ain Dara, por exemplo, datam de tempos antigos. O livro de 2 Crônicas faz parte da Bíblia hebraica e descreve eventos que ocorreram no século 10 A.C, enquanto acredita-se que o templo de Ain Dara tenha sido construído no século 13 A.C. Este período de tempo compartilhado sugere que tanto as correntes quanto os padrões guilhocés teriam sido influenciados por tradições culturais e artísticas semelhantes.

O padrão guilhoché é um desenho decorativo que apresenta uma série de linhas entrelaçadas que se assemelham a uma corrente ou trança. Essa aparência de corrente do padrão guilhoché é semelhante à descrição das correntes em 2 Crônicas 3:5.